

INSEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO DIÁRIO DE UMA FAVELADA:

CAROLINA MARIA DE JESUS EM SEU QUARTO DE DESPEJO

Michelle Cristine Medeiros Jacob¹
Viviany Moura Chaves²

Recebido em: 18 mar. 2018
Aceito em: 12 fev. 2019

RESUMO: A literatura traz possibilidades de estudos para compreender fenômenos ligados à condição humana. A obra *Quarto de despejo*, da autora Carolina Maria de Jesus, foi utilizada como objeto de conhecimento, como *corpus* de pesquisa para compreender o fenômeno da fome, sob a ótica da Segurança Alimentar e Nutricional. Para alcançar o objetivo deste estudo, foi realizada a leitura integral da obra, bem como a elaboração de um arquivo digital que subsidiou a posterior análise dos dados. Os resultados encontrados na investigação foram sistematizados em três tópicos de análises: a fome é tratada como uma iniquidade social, sendo desvelada através da violação do Direito Humano à Alimentação Adequada; o corpo e a mente padecem sob as densas penalidades da fome; e come-se, bebe-se, vive-se em um espaço insalubre: a favela o quarto de despejo da humanidade. Acredita-se que refletir sobre este fenômeno alimentar possibilita adentrar num imaginário denso de significações que vai além de interpretações objetivas.

Palavras-chave: Insegurança Alimentar e Nutricional. Fome. Vulnerabilidade social. Literatura.

FOOD INSECURITY IN THE DIARY OF A SLUM: CAROLINA MARIA DE JESUS ON HER QUARTO DE DESPEJO

ABSTRACT: The Literature offers possibilities of studies to understand phenomena linked to the human condition. The book *Quarto de despejo*, of the author, Carolina Maria de Jesus, was used as an object of knowledge as a *corpus* of research to understand the phenomenon of hunger, from the point of view of Food and Nutrition Security. In order to reach the objective of this study, a complete reading of the work was done, as well as the elaboration of a digital file that subsidized the subsequent analysis of the data. The results found in the research were systematized in three topics of analysis: hunger is treated as a social inequity, being unveiled through the violation of the Human Right to Adequate Food; The body and mind suffer under the dense hardships of hunger; And eats, drinks, lives in an unhealthy space: the favela is the dumping ground of humanity. It is believed that reflecting on this food phenomenon makes it possible to enter into a dense imagery of meanings that goes beyond objective interpretations.

Keywords: Food and Nutritional Insecurity. Hunger. Social Vulnerability. Literature.

¹ Michelle Jacob é doutora e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde também se graduou em Nutrição e atua como docente do Departamento de Nutrição. E-mail: michellejacob@outlook.com.br.

² Viviany Chaves é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: vivianymourachaves@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A fome é um flagelo que assola o passado e o presente de boa parte da humanidade, sendo um problema que alcança o centro das discussões nas agendas científicas, nas políticas públicas, bem como ganha destaque em diversos estudos acadêmicos. No Brasil, milhões de pessoas vivem em situação de precariedade alimentar, ou seja, passam fome (DIAS, 2009). O cenário de pobreza, caracterizado como um quadro de vulnerabilidade social, é um dos principais determinantes desta mazela (YASBEK, 2004).

O problema da fome no Brasil é antigo. Assim sendo, como estratégia para sua erradicação e diminuição da miséria, em 2006, criou-se a política de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), na qual a construção deste conceito tem mobilizado o Brasil há mais de duas décadas. A conceituação da SAN foi desenvolvida considerando, como objetivo estratégico e permanente, sua subordinação às políticas públicas aos princípios do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) e à Soberania Alimentar (BRASIL, 2009). Desse modo, entende-se o conceito de SAN como a “realização do direito humano a alimentação, e a garantia do acesso regular e permanente a uma alimentação saudável, de qualidade e quantidade suficiente, e que não comprometa o acesso a outras necessidades essenciais” (BRASIL, 2006, p.1).

Porém, até hoje, mesmo com a implementação de diversos programas que objetivam a garantia da SAN, a fome continua sendo um problema de saúde pública existente no país.

Em 2013, O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os resultados do levantamento suplementar da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). De acordo com os dados da pesquisa sobre a situação de Segurança e Insegurança Alimentar e Nutricional no Brasil, foi possível identificar que 14,7 milhões dos brasileiros pesquisados (22,6%) se encontravam em algum grau de Insegurança Alimentar (IA), ou seja, passam por alguma restrição ou privação alimentar devido à falta de recursos para adquirir alimentos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014). Dados como estes mostram a relevância incontestável da problematização deste tema, que vem recebendo contribuições de diferentes abordagens e, principalmente, ocupando o cenário das políticas de SAN (PEREIRA; SANTOS, 2008).

Além do cenário das políticas públicas, das agendas governamentais e dos estudos acadêmico-científicos, a temática da fome e da miséria ocupam também os registros literários. É o caso da obra *Quarto de despejo - O diário de uma favelada* da brasileira Carolina Maria de Jesus. O diário escrito pela catadora de lixo relata a voz daquele posto à margem contando sua própria história. Sendo um diário, a narrativa é registrada de acordo com a perspectiva da autora (SANTOS; SOUZA, 2011).

Os escritos dos cadernos encardidos de Carolina Maria Jesus mostram uma visão de dentro da favela, a realidade de uma condição de vida subumana onde tem a fome como personagem trágica e inarredável. “A fome aparece no texto com uma frequência irritante

[...] tão grande e tão marcante que adquire cor” (JESUS, 2005, p. 3). Na obra, Carolina utiliza a escrita como um fator protetor perante a vulnerabilidade social instalada ao seu redor, usando-a para registrar, de acordo com sua perspectiva, as constantes lutas em busca da sobrevivência. A publicação de *Quarto de despejo* causou grande impacto nas camadas populares nos anos 60, visto que, naquela época, pela primeira vez, uma voz marginalizada denunciou a situação de precariedade e desumanização enfrentada pelos moradores da favela do Canindé em São Paulo, o que evidenciou e evidência a realidade de milhares de brasileiros.

Quarto de despejo foi a obra eleita como *corpus* deste estudo, pelo fato de que, os registros de Carolina Maria de Jesus, a autora da obra, carregam a essência de vida da escritora que convive com a mazela da fome e utiliza a escrita como uma arma de superação, perante toda a situação de precariedade que vivencia. A obra é apresentada na forma de diário, o que conduz ao leitor enxergar a realidade envolta de Carolina com os olhos e sentimentos dela, que se subjetiva em sua escrita. Concorda-se com Calligaris (1998) ao pensar que na narrativa biográfica o fato em si não é o que mais importa, mas uma verdade que habita o sujeito de onde provem um modo de narrar. Carolina não apenas traz fatos, ela escolhe o que narrar, como narrar.

Alguns estudos (KIFFER, 2009; PEREIRA FILHO, 2010) se propõem a compreender a fome, adicionando um novo olhar ao fenômeno para além do epidemiológico, lançando mão da literatura como objeto de conhecimento, como *corpus* de pesquisa. A obra literária *Quarto de despejo* também possibilita esta incursão no tema da fome, bem como a busca por respostas para questionamentos inerentes ao indivíduo e ao coletivo, em meio a reflexões relacionadas à condição humana. Diante disso, o presente estudo objetivou compreender o fenômeno da fome, sob a ótica da Segurança Alimentar e Nutricional, a partir da obra literária de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*.

CAROLINA MARIA DE JESUS: A POETISA DO LIXO

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade mineira de Sacramento, no triângulo Mineiro, no ano de 1914 – porém, ainda há controvérsias quanto à data. Nascida em uma família de negros e mulatos, foi criada pela mãe, Maria Carolina, e pelo avô, Benedito José da Silva, a qual possuía bons vínculos afetivos com ambos (SILVA, 2007).

Desde muito cedo, Carolina teve uma infância difícil e extremamente pobre, trabalhava com a mãe na roça e contribuía no serviço pesado de casa. Embora tivesse que trabalhar desde cedo, a escritora foi alfabetizada e estudou até o segundo ano primário, graças a uma instituição espírita (MEIHY, 1998).

Em 1937, na condição de negra, mulher e pobre, migrou para a cidade São Paulo em busca de melhorias de vida. O motivo de sua saída de Minas Gerais foi devido à impetuosa miséria instalada que abatia os camponeses desafortunados. Após peregrinar no interior das cidades do estado de São Paulo, chegou na capital e logo começou trabalhar

em diversas profissões, desde empregada doméstica até artista de circo. Como doméstica, trabalhou em algumas casas de famílias. Insatisfeita com o trabalho, Carolina decidiu alçar novos voos e passou a trabalhar como catadora de papel nas ruas paulistas. Com este tipo de trabalho, encontrou mais tempo para cuidar dos filhos, ser doméstica do próprio lar, bem como realizar suas leituras e registros nos diários (MEIHY, 1998).

Moradora da primeira grande favela de São Paulo, mãe solteira de três filhos – José Carlos, João José e Vera Eunice – cada um de pais diferentes, escrevia páginas e páginas no seu diário com o intuito de publicá-lo (QUERIDO, 2012). Mais tarde, a poetisa não imaginava que o diário em que ela escrevia habitualmente iria se transformar em um livro, um fenômeno editorial logo na sua primeira edição.

Em agosto de 1960, Quarto de despejo foi publicado proporcionando-lhe prestígio na mídia, reconhecimento e uma situação financeira estável (SILVA, 2008). A obra foi um sucesso absoluto, atingiu cerca de 100 mil exemplares, que foram traduzidos em 13 línguas diferentes, em mais de 40 países.

Carolina teve uma extensa produção literária. Sua trajetória em escritos abrangia um conjunto de textos diversos registrados nas formas de diários, peças teatrais, provérbios, contos, romances, cartas e bilhetes, textos memorialísticos e poemas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS: UM DIÁLOGO TRANSDISCIPLINAR

O conhecimento das ciências do humano está baseado nos aspectos bio-sócio-antropo-históricos da condição humana, que estuda o homem como indivíduo, ser social e, conseqüentemente, os produtos oriundos de sua essência, provenientes de sua imaginação e criação como, por exemplo: a arte. Deste modo, pode-se dizer que em toda grande obra de arte há um pensamento profundo sobre a condição humana (MORIN, 2003).

Para Roland Barthes (2007, p. 16) a literatura é como uma “trapaça salutar, uma esquiva, um logro magnífico”, pois através dela a língua está fora do poder – o discurso da arrogância – permitindo que as forças da liberdade se façam presentes na literatura, assumindo assim, liberdade de escrita. O autor ainda afirma que caso as disciplinas do ensino acabassem, apenas uma deveria ser salva: a literatura, pois ela é um monumento transdisciplinar por excelência, ou seja, todas as ciências estão presentes nesse monumento literário.

Desse modo, a literatura se torna um meio adicional e potente para compreender os questionamentos profundos da condição humana, uma vez que possibilita um pensar voltado para a subjetividade do indivíduo ou da coletividade, rompendo assim com o pensamento pragmático e objetivo aos quais frequentemente os estudos biomédicos e epidemiológicos se propõem. Assim, trabalhar a questão da fome através do viés literário é de fato uma forma viável de método para estudos acadêmicos, pois permite (1) que o pesquisador reflita sobre a problemática em questão em seus diferentes enfoques e assim realize correlações com temáticas inerentes ao contexto da atualidade; e (2) que o artista

é o mediador dessa construção do conhecimento, visto que ele expõe o universo que existe dentro de si, não se comprometendo apenas em mostrar as denúncias sociais, mas dialogando também com um imaginário coletivo que permeia a questão.

Portanto, a literatura é importante, pois excita a imaginação, proporcionando um deslocamento do imaginário para outras dimensões, fala sobre o mundo e, sobretudo, atinge com a condição do sujeito. Neste estudo, a obra *Quarto de despejo – o diário de uma favelada* foi escolhida como *corpus* de pesquisa.

Assim sendo, para alcançar o objetivo deste estudo, a metodologia se deu da seguinte forma: foi realizada a leitura integral da obra, bem como a elaboração de um arquivo digital que subsidiou a posterior análise dos dados. Os dados da pesquisa foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977) que consistiu em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados, inferências e interpretações. Por fim, a partir dos resultados encontrados na pesquisa foi possível sistematizar três tópicos de análises que desvelam a compreensão do fenômeno da fome em *Quarto de despejo*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A FOME COMO UMA INIQUIDADE SOCIAL: DE CAROLINA AOS DIAS ATUAIS

Os escritos encardidos dos diários de Carolina deixam marcadas as condições subumanas que os moradores da favela do Canindé estavam submetidos. Fome, pobreza, péssimas condições de moradia em cortiços e barracos, violência e outros elementos, caracterizam um cenário de violação dos direitos humanos e, principalmente, a violação do DHAA.

Como consequência do descumprimento e da violação do DHAA a situação de Insegurança Alimentar e Nutricional é instaurada. Em *Quarto de despejo*, Carolina enfrenta cotidianamente situações de privação alimentar que perpassam os três níveis de ISAN. O medo ou o receio de sofrer fome, caracterizado como quadro de ISAN leve de acordo com a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), é vivenciado durante toda a obra. Carolina perante suas manhãs se aflige receosa pelo o que “não” possa encontrar em sua despensa: “De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer” (JESUS, 2005, p. 44). O medo e a preocupação da autora apenas se calam com o suprimento de suas necessidades alimentícias, onde a sensação de alívio é estabelecida de imediato: “Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão [...] O nervoso interior que eu sentia ausentou-se” (JESUS, 2005, p. 10). Em outras passagens, pode-se observar a restrição na quantidade de alimentos no domicílio de Carolina. Além da diminuição da quantidade, salienta-se que a qualidade do alimento também é comprometida: “Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha

pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha” (JESUS, 2005, p. 9). Do mesmo modo, a situação de fome atinge seu nível máximo na vida de Carolina, quando compromete não somente sua alimentação, mas também a de seus filhos, caracterizando um quadro de ISAN grave: “Porque a fome é a pior coisa do mundo. Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes” (JESUS, 2005, p. 163).

Ao analisar a situação de vulnerabilidade social face à insegurança alimentar presente na obra, observa-se o cenário descrito por Carolina retratando o Brasil dos anos 50, onde pouco se debatia sobre esta problemática. Nessa época, as questões governamentais eram voltadas para o desenvolvimento tecnológico do país – visando prosperidade econômica – sendo assim, políticas públicas de assistência às classes sociais mais injustiçadas eram limitadas. Somente com o surgimento de estudos que debatiam a fome e a miséria, foram-se alcançando novas dimensões políticas. Através de estudos como o de Josué de Castro foi possível delimitar o mapa da fome no Brasil e se comprovou que a situação de má alimentação não era só um fenômeno natural, mas sim sócio-político (CONSELHO MUNICIPAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL, 2011). E Carolina de alguma forma sabia disso.

Em vários trechos da obra, a autora não se cala perante os governantes do país, culpando-os pela fome que afeta o povo oprimido. Para ela “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome” (JESUS, 2005, p. 26), para que assim possa realizar ações efetivas em prol da diminuição ou até mesmo solução deste problema. A maioria das suas críticas eram direcionadas ao antigo governador de São Paulo, Adhemar de Barros, e aos ex-presidentes, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. O aumento do custo dos alimentos, a desigualdade social, o valor monetário e as injustiças sociais foram outros temas recorrentes na obra e, sempre se faziam presentes no interior das discussões sobre política e fome: “De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e nas sucursaes nos lares dos operários” (JESUS, 2005, p. 36).

Tratando-se do Brasil da década de 90, encontra-se uma mobilização sócio-político que exige a asseguarção dos direitos humanos à alimentação, visto que ao propor uma política nacional voltada para a segurança alimentar e nutricional, o governo federal estabeleceu estratégias e ações para a garantia desse direito básico. Este conjunto de políticas e programas compõem a Estratégia Fome Zero, que tornou-se uma prioridade do Estado brasileiro (KEPPLE; SEGALL-CORRÊA, 2011).

Caso fosse possível retratar a vida de Carolina no cenário no Brasil atual, certamente as atuais medidas ligadas à SAN no Brasil de hoje concederiam uma melhoria na situação alimentar do seu domicílio. Programas como Bolsa Família, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) entre outros, contemplam famílias que estão em situação de vulnerabilidade social, garantindo assim o DHAA. Caso se tome o Programa Bolsa Família como um exemplo prático para relacionar com a situação de vida de Carolina, pode-se contextualizar uma realidade totalmente distinta e com mais dignidade, uma vez que, os objetivos do programa são o de assegurar

o DHAA, promover a SAN, contribuir para a erradicação da extrema pobreza e conquistar um espaço de cidadania pela parcela da população mais vulnerável à fome (PEIXOTO, 2010).

Em uma pesquisa realizada com mulheres pobres de uma comunidade chamada Morro da Vitória, localizado na periferia da cidade de Fortaleza (CE), objetivou-se compreender o significado que elas atribuíam à renda proveniente do Programa Bolsa Família em suas vidas. Ao falarem sobre o programa, deixam claro em seus relatos a melhoria na condição de vida, principalmente no tocante a satisfação das necessidades básicas: “Porque bem dizer quando chega (o dinheiro), eu vou fazer compra lá, quando o gás falta eu compro, aí às vezes, antecipa a energia, eu já pago, aí é no dia que eles comem melhor, é quando recebo, que eu compro um almocinho melhor, uma jantinha melhor” (PEIXOTO, 2010, p. 155).

Portanto, a obra *Quarto de despejo* possibilita a reflexão sobre a evolução que o Brasil sofreu entre os anos de 1950 até os dias atuais, no tocante das políticas públicas voltadas para as causas sociais e, sobretudo, veiculadas à questão da alimentação como um direito básico e igual para todos. Carolina Maria de Jesus foi um exemplo prático daqueles que estão às margens de uma vida com dignidade, mostrando assim o reflexo de uma população brasileira que não tinha meios para sair da situação de extrema precariedade alimentar. Porém, o que se observa nos dias de hoje, é que diferentemente de Carolina, a maioria dos homens, mulheres e crianças possuem meios para terem acesso a um alimento de qualidade e em quantidade suficiente, sendo assegurados pelas políticas e ações governamentais da SAN. Com esta evolução, mudanças ocorreram no cenário brasileiro e, atualmente, por causa das decisões políticas, o Brasil está fora do mapa da fome no mundo, o que confirma assim a afirmação de Josué de Castro que: a fome é um fenômeno social de causas políticas (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, 2015).

SENTENÇAS DE UM REGIME DE CARÊNCIA: DEPRESSÃO E A ESTÉTICA DO CORPO FAMINTO

Para manter a homeostase do organismo é necessária uma média de consumo de duas mil calorias por dia – logicamente, essa quantidade é aumentada ou diminuída a partir das particularidades de cada indivíduo. Nos países do Ocidente, o consumo gira em torno de 2.900 calorias. Entretanto, 500 milhões de pessoas no mundo dispõem de menos de 1.500 calorias por dia, o que significa que passam fome e que seu corpo acabará numa autofagia (ROSSI, 2014). Como consequência dessa má alimentação, o indivíduo tem que enfrentar a magreza, barriga inchada, apatia, desidratação da pele, fraqueza muscular, depressão do sistema nervoso, falta de resistência a doenças, envelhecimento prematuro e, finalmente, a morte por inanição (ROSSI, 2014).

Na obra analisada, a fome tendenciou a decorrência de alguns desses

enfrentamentos citados. Carolina traz na sua narrativa a descrição dos sintomas da fome:

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei sentir a boca amarga. [...] Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar (JESUS, 2005, p. 39;55).

Além das consequências imediatas da fome sobre o corpo, no diário de Carolina se revela um montante de situações que degradam o sujeito humano nos aspectos tanto corporais e socioeconomicos, como também emocionais e psicológicos. A luta incessante contra a fome acarreta determinados enfrentamentos como, por exemplo, possíveis crises de depressão. Salienta-se que a autora não fala sobre um diagnóstico próprio comprovado de depressão, porém em diversas passagens pode-se observar sinais que caracterizam este quadro. Tristeza prolongada, falta de perspectiva, estresse, revolta e o desejo de suicídio, são estados e sentimentos contínuos na vida da autora. Abaixo seguem trechos da obra sobre situações em que Carolina relata suas crises de ordem emocional:

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? (JESUS, 2005, p. 29).

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago (JESUS, 2005, p. 89).

Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói (JESUS, 2005, p. 91).

Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal (JESUS, 2005, p. 96).

Ao analisar as passagens de Carolina, no que diz respeito à sua condição emocional e psicológica, pode-se observar que a situação de carência alimentar no seu domicílio é algo que lhe perturba. Suas palavras revelam o desespero e a loucura do favelado que não tem o que comer, que se prosta lamentando pelo alto custo dos alimentos, que não possui trabalho fixo e que precisa lidar com as incertezas de uma vida miserável. Entretanto, antes da situação de ISAN se instalar no domicílio, o sujeito já pode vir a sofrer problemas de natureza psíquica decorrentes de fatores precursores como, por exemplo, a pobreza.

A pobreza, de fato, pode ser o maior determinante na explicação do aumento dos índices de depressão, pois associada às condições sociais como desemprego, baixo nível de escolaridade, baixa qualidade de moradia e alimentação inadequada, pode favorecer o desenvolvimento de um estado de desesperança, que tem como efeito imediato a redução da disposição para suportar acontecimentos adversos e frustrantes (CUNHA; BASTOS; DUCA, 2012).

Em um estudo realizado em São Paulo, foi analisado o significado da depressão em mulheres da periferia do município de Embu. As características principais de Embu são: a situação de vulnerabilidade social, a pobreza, a falta de infra-estrutura nas áreas de saúde, educação, moradia, trabalho e lazer (MARTIN; QUIRINO; MARI, 2007). Na

realização das entrevistas, quando questionado sobre as possíveis explicações para as causas da depressão nas mulheres, algumas responderam da seguinte maneira:

eu acho que é a preocupação, é a vida financeira, é, te abala muito entendeu? Porque, às vezes, você quer comprar as coisas você é acostumado a comprar as coisas e você sabe que não pode, você ter filho, ver o marido nervoso porque não tem o serviço você entendeu? Então isso que eu acho que causa muita a depressão (MARTIN; QUIRINO; MARI, 2007, p. 595).

a falta de condução, falta de emprego e também as drogas, malandragem que é muita, é demais aqui [...] acho que é por isso que a gente fica com a cabeça ruim, quase todas as mães hoje em dia está com depressão, está com um problema, está com outro (MARTIN; QUIRINO; MARI, 2007, p. 595).

Assim sendo, a situação de pobreza quando afeta o eixo alimentação, a preocupação, o medo e a incerteza sobre ter ou não o alimento no próximo mês, semana ou até mesmo dia, são componentes psicológicos que afetam ainda mais a estabilidade emocional da família (CORRÊA, 2007).

As anormalidades psíquicas se afloram quando os indivíduos se encontram em situações de risco, neste caso de Carolina, quando não há a presença do alimento. Para Josué de Castro, a fome pode causar distúrbios mentais e, por isso, a loucura está muito próxima dela. Porém, a fome não é a causa direta das doenças da loucura, mas pode ser a gota d'água para que ela se manifeste (NASCIMENTO, 2003).

Rebello (1998) realizou uma análise sobre a reportagem *Seca e fome acirram distúrbios mentais*, publicada na Folha de São Paulo em 31 de maio de 1998, e conseguiu constatar que os moradores da região do Crato (CE) estavam apresentando “surto de desequilíbrio”, com comportamentos agressivos e violentos. O motivo para o aumento dessas ocorrências se deu mais aparente nos períodos de seca e estiagem na região, em que a fome, por sua vez, castigou os moradores transformando-os nos “loucos da seca”.

Dessa forma, o que há em comum entre uma dieta pobre e a loucura? Ambas produzem sofrimento (REBELLO, 1998). Portanto, a fome pode ser responsável pela desconstrução da ética de cada indivíduo, bem como da referência do sujeito cidadão, onde o sofrimento da exclusão social, a opressão de quem nada possui (moradia, dignidade, alimentação, trabalho), faz com que o sujeito submetido a tais situações, se revolte e possa agir como uma pessoa sem escrúpulos, com o fim de saciar suas reivindicações.

Além deste tipo de enfiamento, Carolina precisou lidar com outro produto oriundo do seu sofrimento: a desfiguração do seu corpo castigado pela fome.

Ao pensar sobre a comida e o ato de comer a partir do ponto de vista sócio-antropológico, sabe-se que esta discussão tem profunda relação com a dimensão corporal do humano. Assim como a comida, o corpo propaga um conjunto de significados que fundamentam a existência individual e coletiva do sujeito, podendo ser moldado de acordo com o contexto social e cultural. Por ser um vetor semântico, o corpo pode ser compreendido como o eixo da relação com o mundo, na qual todos os significados tomam uma forma e são refletidos na fisionomia de cada pessoa (LE BRETON, 2007). Fischler

afirma que “somos aquilo que nós comemos”, tanto por um plano real como imaginário. O alimento absorvido no corpo, além de proporcionar a energia vital necessária para a sua manutenção, ele uma vez absorvido, é incorporado modificando o sujeito desde o seu interior. Por isso, esta incorporação é válida também no plano imaginário, uma vez que permite cruzar a fronteira entre o eu e o mundo, concedendo que se construa sua natureza, sua identidade (FISCHLER, 1995). Nesse sentido, tanto o corpo como o ato de comer são fundadores de uma identidade individual ou coletiva.

Porém, em condições sociais de precariedade extrema, quais significados projetados em formas corporais podem moldar o corpo faminto? Em *Quarto de despejo*, Carolina também sofre com a estética do seu corpo esquelético, chegando ao ponto de não se reconhecer ao se olhar no espelho: “Já emagreci 8 quilos. Eu não tenho carne, e o pouco que tenho desaparece. [...] Quando passei diante de uma vitrine vi o meu reflexo: desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma” (JESUS, 2005, p. 160). Logo, em outro momento, a autora se sente horrorizada quando nota sua tamanha magreza, e de imediato considera que a fome lhe deixou assim: “Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto quase é igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!” (JESUS, 2005, p. 153).

Em discussão, o corpo de Carolina foi moldado pelas violações e privações, onde sua imagem é o “espelho” das injustiças sociais. A fome além de definir e corroer a sua carne, também produziu marcas de identidade no seu corpo, fazendo com que as pessoas, ao olhá-la, enxerguem a simples mulher negra, pobre e que passa fome, sendo quase impossível de imaginar que ela é uma escritora. Nesta situação, o corpo se revela como um marcador de classes sociais.

Nas sociedades heterogêneas, as diferentes classes e culturas orientam as significações e valores que os indivíduos possuem com o seu corpo. Para Bourdieu “o corpo é a objetivação menos irrefutável, do gosto de classe” e assim, a formação externa corporal pode representar um conjunto de condutas dadas por uma determinada classe social (BOURDIEU, 1979, p. 210). À vista disso, tem se observado que em classes baixas há uma preferência pela estética do corpo gordo, isto pode ser explicado pelo fato de que o padrão de estética que valoriza o acúmulo de gordura, “a barriga cheia”, são formas de lutar contra a ameaça constante da fome (ZALUAR, 1982).

Na França, foi observado, nas classes menos favorecidas, que a gordura remete-se a estética da boa nutrição, ao contrário da magreza que passou a significar estado de fome, doença e/ou pobreza (LE ROY LADURIE, 1979). Em casos de miséria e precariedade alimentar, como o de Carolina, a obesidade é dada como uma sublimação do corpo que está em abundância, diferentemente da classe média-alta que, mesmo com abundância de recursos financeiros e alimentos, buscam um corpo magro e esbelto. Assim, mesmo que o pobre esteja liberto de restrições de qualquer natureza, não consegue se libertar do medo visceral da falta que os séculos de fome introduziram na humanidade (GARINE, 1979).

A FAVELA COMO ESPAÇO INSALUBRE: O QUARTO DE DESPEJO DA HUMANIDADE

Em *Quarto de despejo*, “favela” e “favelados” são as palavras mais encontradas na obra. Sob um eixo paradigmático a favela pode ser representada pela ausência, pelo o que não *seria* ou o que não *teria*. De modo geral, constitui-se em um espaço de infra-estrutura desorganizada, desordenada e homogeneizada, onde a criminalidade e a violência tem forte expressão. Entretanto, ao longo dos anos, têm-se tentado romper com este esteriótipo, uma vez que esta ideia é um pouco distorcida. A favela é considerada um espaço social que deve ser reconhecida em sua especificidade sócio-territorial, sendo tratada como um fenômeno complexo (SILVA, 2009).

Historicamente, o que se observou foi uma omissão do poder público perante esses espaços e com isso o processo de reconhecimento das favelas foi dificultado, até mesmo por parte dos moradores. Carolina é o exemplo disto, que reconhece sua moradia como o quarto de despejo da humanidade. Fome, pobreza, péssimas condições de moradia em cortiços e barracos, violência entre outros elementos, caracterizam o cenário cruel do cotidiano da autora. A favela descrita por Carolina é a expressão do caos, o avesso da cidade, onde não há lei, nem regras, nem moral, tendo o Diabo como o próprio prefeito: “a favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo” (JESUS, 2005, p. 80).

Carolina não se conformava com sua vida na favela. No imaginário da autora, ela considerava que não morava na cidade, como se a favela fosse um lugar a parte da cidade grande. Para ela as duas realidades eram tão distintas que era quase impossível de acreditar que ambas se complementavam enquanto território físico. Estes mundos diferentes e dicotômicos são apresentados em uma série de oposições: luz e sombra, brancos e negros, riqueza e pobreza, céu e inferno, integrados e marginais, casa de alvenaria e barraco, luxo e lixo (VOGT, 1983).

Em várias passagens, Carolina faz um comparativo do espaço da favela com o da cidade, na qual ela relata:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2005, p. 33).

Durante toda a obra, a autora deposita nas suas palavras o sentimento de rejeição que sente em relação à favela, ao ponto que define o lugar onde vive como um quarto de despejo, sendo este o mesmo nome dado ao título do seu livro. Ela considera a favela como as “úlceras de São Paulo”, “o pior cortiço que existe”, “o quintal onde todos jogam os lixos”.

Para Bauman (2001) a modernidade é responsável pela desmitificação dos ritos, perda de valores e, principalmente, pela liquefação das certezas. No que se refere aos espaços, o autor fala sobre vazios urbanos, que são aqueles que não possuem significados, são vividos, mas não percebidos, e assim rejeitados. Por exemplo, um terreno baldio pode ter o mesmo valor que um bairro inteiro, depende apenas de quem o vê. Assim, ao analisar a favela do Canindé aos olhos de Carolina, sua visibilidade para este espaço envolve

somente aspectos negativos, tais como pobreza, fome, doenças, violências, prostituição etc. Porém, para muitos moradores de favelas, este espaço pode servir como uma válvula de escape, uma estratégia de sobrevivência.

A rejeição dada por Carolina é o resultado das transformações de seu cotidiano, que está sempre se materializando em algo novo, adquirindo novos sentidos (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2011). Isto pode ser explicado por Haesbaert (2007), que utiliza o termo “desterritorialização” – destruição ou transformação do território – para denominar esta experiência do novo em seu cotidiano.

No exemplo de Carolina, o fenômeno de desterritorialização supera o sentido de destruição, atingindo outras referências da condição humana. Nesse sentido, Carolina foi resignificada a medida em que rompia com estereótipos (de favelada padrão) e se impunha por seu mérito pessoal (ato de escrever), se tornando distinta dos demais favelados (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2011). Desse modo, observa-se que o território já não possuía completo domínio sobre a sua identidade.

Em outras passagens, nota-se que o espaço é considerado como um espaço de desestruturação social, onde transformações negativas ocorrem no seio do caráter humano:

[...] As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformaram-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade (JESUS, 2005, p. 33).

De fato as favelas contribuem para a degradação do sujeito em diversos aspectos. No tocante alimentação, um conjunto de fatores devem ser considerados e implementados para garantir a SAN e, isto inclui o direito à moradia de qualidade. Afinal, do que adianta ter um alimento de qualidade se o sujeito não possui uma moradia digna?

Assim sendo, as políticas públicas articuladas que envolvem o tema da SAN discorrem que só há garantia do DHAA se os demais direitos estiverem assegurados, uma vez que estes direitos são indivisíveis e interdependentes.

Portanto, *Quarto de despejo* é mais do que o retrato de uma favela. É a soma dos mais diversos sentidos que a fome e a miséria refletem na condição do humano. É a denúncia de uma comunidade marginalizada que foi esquecida pelo poder público, onde foi preciso que uma voz feminina e de pele negra, declarasse sua revolta e sua indignação perante as condições de vida que estes moradores estavam submetidos. As condições imundas e subumanas do cenário da favela violam os direitos humanos, tornando mais crítico e obscuro o enfrentamento contra a fome.

Dessa maneira, a miséria relatada por Carolina pode ser visível, e ao mesmo tempo, pôde torná-la visível aos olhos dos outros. E assim, dentro do seu barraco fétido, Carolina conseguiu buscar, na escrita, a reterritorialização no seu espaço íntimo (SANTOS; BORGES, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que refletir sobre este fenômeno alimentar possibilita adentrar num imaginário denso de significações que vai além de interpretações objetivas. Através da escrita caroliana pode-se compreender como os sujeitos em situações de precariedade alimentar entendem, enfrentam e resolvem este problema.

Por meio de *Quarto de despejo*, Carolina mostra de fato, a concreta violação do DHAA, visto que foram quebradas as duas dimensões indivisíveis desse direito, que são: o direito de estar livre da fome e da má nutrição e o direito à alimentação adequada. A fome é um fenômeno ligado às questões históricas e políticas, isso ser pode revelado na trajetória de Carolina que sofreu situações de violação do DHAA.

O corpo e a mente padecem sob as densas penalidades da fome em que produz tanto uma estética moldada pelas privações e injustiças sociais e como alimenta uma loucura que desestrutura a ética do ser oprimido e violado, sendo capaz de qualquer coisa para saciar suas reivindicações.

Bebe-se, come-se, vive-se em um espaço insalubre, a favela é considerada como o quarto de despejo da humanidade. Assim, a favela do Canindé condicionou a violação dos direitos humanos, na qual não apresentou condições de moradia adequada e digna para os sujeitos pertencentes a este local. Além disso, o espaço da favela para Carolina serviu para ressignificá-la, no sentido de que quebra o estereótipo de pobre favelada através da escrita, pois o ato de escrever a torna distinta dos demais moradores e, assim, ela toma uma nova identidade em meio à lama e aos barracos.

Portanto, este estudo possibilita uma maneira adicional de discutir o fenômeno da fome e outras questões inerentes à condição humana, somando uma perspectiva implicada aos elementos subjetivos do humano. Por fim, traz uma reflexão sobre a ideia de estudar uma alimentação voltada para as relações humanas mediadas pela comida, neste caso, pela falta dela, tornando-se possível ampliar o olhar sobre o ato alimentar, principalmente dentro de contextos de injustiças sociais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Persona, 1977

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Tempo/Espaço. In: **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência brasileira**. Brasília: CONSEA, 2009.

BRASIL. **Lei de Segurança Alimentar e Nutricional**: conceitos, lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Brasília, DF: [s.n.]; 2006.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CONSELHO MUNICIPAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **O que é segurança alimentar e nutricional sustentável**: história no Brasil e em Minas Gerais. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/sg/conselhos/comsea/doc/2011/segualimentar.pdf>> Acesso em: 05 Jan. de 2017.

CORRÊA, Ana Maria Segall. Insegurança alimentar medida a partir da percepção das pessoas. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 60, 2007.

CUNHA, Ricardo Vivian da; BASTOS, Gisele Alsina Nader; DUCA, Giovâni Firpo Del. Prevalência de depressão e fatores associados em comunidade de baixa renda de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 346-54, 2012.

DIAS, Eliotério Fachin. A Fome, a pobreza e o Direito Humano à alimentação adequada. **Revista Jurídica UNIGRAN**. Dourados, MS, v. 11, n. 2, 2009.

FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). **The FAO Hunger Map 2015**. Disponível em: < <http://www.fao.org/hunger/en/>>. Acesso em: 24 out 2015.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.

GARINE, Igor de. Culture et Nutrition. **In communication**, n. 31, ed. Seuil, Paris, 1979.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD - 2013. **Segurança Alimentar**. Rio de Janeiro/RJ, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo, 2005.

KEPPLE, Anne Walleser; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p. 187-199, 2011.

KIFFER, Ana Paula. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. **Via Atlântica**, Rio de Janeiro, 2009.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 2. ed. Tradução de Sônia Fuhrman. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE ROY LADURIE, E. L'allaitement mercenaire en France au XVIII. Siècle. **In communications**, n.31, ed. Seuil, Paris, 1979.

MARTIN, Denise; QUIRINO, José; MARI, Jair. Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 591-7, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo, v. 37, p. 82 – 91, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. **Josué de Castro**: O Sociólogo da Fome. 2003. 231f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

PEIXOTO, Socorro Letícia Fernandes. **Os significados do Programa Bolsa Família na vida das mulheres: um estudo na comunidade morro da vitória**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. A fome: ânsia ou carência. Uma Leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. **Anais do seta**, [S.I.], n. 4, 2010.

PEREIRA, Rosangela Alves; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. A dimensão da insegurança alimentar. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21 (Suplemento), p. 7-13, 2008.

QUERIDO, Alessandra Matias. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 384, 2012.

REBELLO, Lêda Maria de Vargas. Loucuras da fome. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 643-646, 1998.

ROSSI, Paolo. **Comer**: necessidade, desejo, obsessão. 1. ed. Tradução: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezende. Quarto de despejo: considerações sobre o espaço na obra de Carolina Maria de Jesus. **Caderno de resumos da JOPELIT**, v. 1, n. 1, p. 40-45, 2013.

SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. Quarto de despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Revista Travessias**, Paraná, v. 5, n. 2, 2011.

SILVA, Jailson de Souza. **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). **Revista de Ciências Sociais ponto-e-vírgula**, São Paulo, v. 2, p. 97112, 2007.

_____. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. In: SEIXAS, Jacy & CERASOLI, Josiane (org). **UFU 30 Anos. Tropeçando Universos**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual: o Quarto de Despejo de Carolina

Maria de Jesus. In: SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

YASBEK, Maria Carmelita. O programa fome zero no contexto das políticas sociais brasileiras. **Revista São Paulo em Perspectiva**. v. 2, n. 18, p.104-112, 2004.

ZALUAR, Alba. As mulheres e a direção do consumo doméstico (estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas) In: **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense S.A. 1982.